

QUINTA-FEIRA
Lisboa--31 de Março de 1932

5 TÓES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

306



sempre
fi **re** **semanário**
fumorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

PENURIA MUNICIPAL



— Tenham dó da pobre Camara, que não pode fazer a festa nem deltar os foguetes! Uma esmolinha para ajuda do entêrre... do "deficit"!



Os ditos da semana



As boas almas Se não fosse a imbecilidade dos criminosos, a maior parte dos crimes teria de ficar impune. Isto vem a propósito daquele homem que estrangulou a namorada e se foi voluntariamente apresentar à policia declarando que ela se suicidara sem que ele o pudesse evitar.

Do relato dos jornais se depreende que algumas tarefas que já anteriormente lhe havia aplicado, tinham por fim demove-la de tão sinistros intuitos.

Mal percebia que a rapariga andava apreensiva e a pensar na morte, endereçava-lhe uma bofetada para despertar, para alegrar aquele coração aflito.

Se ela fazia menção de se atirar da janela abaixo brindava-a com um estalo, um murro, um borracho, a ver se lhe entravam na cabeça ideias mais alegres e menos prejudiciais.

Pelos modos, como aconteceu com certos medicamentos, o organismo da rapariga habituou-se àquela terapeutica e o remedio já não dava resultado. O malandro então, seguiu outro tratamento. Está-se mesmo a vêr como as coisas se passavam. Ao primeiro gesto que ela fez demonstrando que ia pôr termo à existencia, o zeloso namorado, afim de evitar uma desgraça, agarrou se-lhe ao gasganeite e foi apertando, apertando até que ela, deixando de mexer, deixasse tambem portanto de se suicidar.

Quando, porém, aquela boa alma se convenceu de que já não havia perigo dela dar mais um passo para a morte, largou-a, abandonou-a sobre o talude, e foi para casa dormir tranquilamente, com a consciencia do dever cumprido. Realmente ha pessoas assim. São tão estremosas, que com carinhos, meiguices, mimos, beijos e abraços são capazes de estrafegar o seu semelhante.

Parece, porém, que a policia não gostou das boas intenções do patife e exige agora que ele apresente a rapariga em estado, de livremente, po-

der dispôr de si até para o suicidio.

Do que não ha a mais pequena duvida é de que aquela boa alma evitou realmente que a rapariga se suicidasse.

Botelho Botelho, o nosso Botelho dos «Ecos da Semana», o Botelho menino com oculos de sabio alemão, inaugura no proximo dia 1 de Abril, no Salão Bobone, a sua exposição de pintura e desenho. Nem por vir no dia das pêtas, será uma pêta a exposição de Botelho. Confiamos no Botelho menino, com oculos de sabio alemão e desde já lhe anguramos um ruidoso sucesso. Pêta só a haverá para aqueles que, conhecendo Botelho apenas da ultima pagina do «Sempre Fixe», se surpreenderão perante a obra do artista feito que já é Botelho, o nosso Botelho tão apreciado

nos «Ecos da Semana», o Botelho menino com oculos de sabio alemão. Tire-se o leitor dos seus cuidados e apateça por lá e logo verá que Botelho, o nosso Botelho do «Ecos da Semana», nem é menino nem sabio alemão. Essa será a grande pêta que ele nos prega, o *poisson d'Abril* com que nos mimosceia.

Botelho aparecerá com cara de menino e oculos de sabio alemão, mas evidenciar-se-ha um artista completo.

Semana Santa Mais uma semana santa.

Celebrou se a Paixão e morte de Cristo que veio à terra para remir a humanidade.

Ha quasi dois mil anos que os judeus o crucificaram e a maldição caiu sobre a raça de Israel como castigo de ter dado a morte ao Redentor do Mundo. Todavia os judeus

proliferaram de tal forma que se Jesus voltasse a terra não faltariam novos judeus para o crucificarem. E mais. Até talvez o proprio cristo morresse de desgosto ao vêr que, para vencer a judiaria Universal, não bastava ao proprio Deus morrer uma vez apenas.

Nunes da Matta Nem tudo é ingratidão, neste mundo vil. O espirituoso homem de ciencia sr. José Nunes da Matta, é um exemplo vivo do que afirmamos.

A página de Francisco Valença comoveu-o. E dai o sairem-lhe da inspiração estas duas oitavas que nos enviou e que, oferecemos aos nossos leitores.

Ao «Sempre Fixe»

Voto q' «Sempre Fixe» q' acerte,
Critica feita aos tempos meus,
Sem ter vil recuo postillado
De macher em certos tao puros
Contrastando, em modo guano
Aos prudentes e incultos Proceres
Que silencio mofista, desentone
Nos q'ostia a os q'ostia a os

Por isso oitavas, amodoado,
Esta colleção, pouco brilhante,
Doucos livros meus, em que Claudio
Este vasto assunto palpitate,
Mas certo hem que o meu bannado
Em nada obste à fama estrangeira
Que este Mundo arrasta, desvalado,
Para um coar trezado e horripitante!

Parque: 24 de Março de 1932

JOSÉ NUNES DA MATTA.

Gastão de Bettencourt



Jornalista português que levou no Brazil o nome de muitos escritores portugueses e ali faz a propaganda dos nossos livros, das nossas revistas e dos nossos jornais.

Para demolição A Câmara Municipal, vai finalmente, segundo rezam os jornais, deitar abaixo os diversos bairros de lata que ha por ai. É pena. Aquilo tinha o seu pitoresco e podia servir para mostrar aos estrangeiros que nos visitam, assim como se mostra a masmorra da torre de Belem, e outras belezas arquitetonicas «para espantar eles». Sim porque aquilo não é peor do que o fado arrastado e com tremeliques que até a cincoenta metros de distancia cheira a aguardente.

Deante daqueles exemplares, o estrangeiro que vive e vê viver os seus operarios em bairros higienicos e confortaveis ficaria a fazer uma idela aproximada da resistencia da nossa raça.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»



— Ora até que enfim o autor arranhou um papel digno das minhas talentosas pernas: «A meia de Seda».

O teatro português está falto de novidades. É sempre a mesma coisa.

E o processo de manter isto é arranjar coisas novas.

A prova é que, quando ha Novidades, o teatro anima.

Senão veja-se o que sucedeu com a *Cidade*.

■ ■ ■

CHEGOU já a Hortense Luz e pelos teatros do Parque aventam-se novas hipóteses.

A Hortense veio de África e disposta a retomar a actividade.

Por conversas entre Hortense Luz e varios empresarios, verificasse que o futuro de Portugal, por enquanto, ainda não está nas colonias.

■ ■ ■

O teatro Avenida fez a reprise da comedia musicada *Três contra um*.

Numa altura destas, até parece piada.

São *Três* empresarios contra um.

■ ■ ■

HA grande expectativa pela proxima premiere do teatro da Trindade.

Dizem que ela é tão sensacional que a *Comedia* — o importante

diario parisiense — mandou propozitadamente a Lisboa, para fazer a critica, o illustre critico Lucien Dubech.

■ ■ ■

ESTREOU-SE no teatro Apollo a companhia «genero livre», com a comedia *Quarto Azul!*

Dizem que os espectadores vieram de lá da cor do quarto: azuis! E um cavalheiro houve que disse, á saída para a filha, que lhe tinha perguntado quando voltavam a ver comedias do genero livre:

— Volta cá, mas sósinho!

■ ■ ■

RECORTAMOS do *Diario de Lisboa*:

«Um dos secretarios da actual empresa exploradora do Politeama é o sr. Ceia Fernandes, muito conhecido no meio teatral.»

Afinal, as coisas por aquele teatro não vão tão mal como dizem. Até já teem ceia...

■ ■ ■

CONSTA, segundo dizem os jornais, que *A Senhora da Saude* será possivelmente representada num teatro fóra do Parque.

Se começam com muitas mudanças com *A Senhora da Saude*, é capaz de esquecer...

NASCIMENTO Fernandes realiza a sua festa artistica, na sexta-feira, no teatro da Trindade.

Um dos atractivos é o *Processo do Aldrabão*.

Dizem que a casa já está vendida. Se calhar, os espectadores veem cá para fóra copiar os gestos e os processos do *Aldrabão*...

■ ■ ■

A companhia Maria das Neves mateou a sua partida para o Brasil a 14 de Abril.

A companhia Eva Stachino fixou a sua saída em 9 de igual mês.

Pois, por isso mesmo, a companhia Maria das Neves resolveu embarcar a 6 de Abril.

Se começam assim com esses reuções, acabam por ter partido ontem...

■ ■ ■

DIZ o nosso colega *Republica* que um companheiro de imprensa está escrevendo uma peça intitulada: *O Fado da Loucura*.

Se a peça fór boa, enlouquecemos todos, recolhendo o autor, gloriosamente, ao Manicomio.

■ ■ ■

O empresario José Climaco está trabalhando, activamente, no sen-

tido de arranjar um teatro para explorar revistas.

Conseguirá?

Este clima, por cá, está muito mau! O di lá do Brasil sempre é melhor!

■ ■ ■

AO que parece, o critico francez Lucien Dubech assistiu á revista *Pim! Pam! Pum!*

Teria feito critica para o *Candido*?

■ ■ ■

VAMOS ter o *Café do Macario* no teatro.

É um titulo como qualquer outro — que só prova a abundancia dos mesmos...

■ ■ ■

IGUALMENTE vamos ter o *Pai da Creança*.

Para quando o *Pai dos Filhos de Zebeden*?

■ ■ ■

ESTREIA-SE brevemente, em Lisboa, uma companhia argentina de revistas, vinda de Espanha.

É capaz de gostar disto e ficar cá... como a Eva Stachino, neste paraizo português.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



—Acho bem que tenham inventado a telegrafia sem fios; Mas se um dia chegam a inventar a telegrafia sem paus...!?

Elevador da Gloria

Entre cães:
 — Havia muita gente na exposição felina?
 — Não. Apenas quatro gatos!...

* * *

Em casa do milionario:
 O convidado: — Nunca o restauram?
 O milionario: — Sem duvida, devo ter sido muito roubado, mas nunca o notei!...

* * *

A nova criada: — Não tem gato?
 A patroa: — Não!
 A nova criada: — E cão?
 A patroa: — Também não!
 A nova criada: — Então, quem limpa os pratos?...

* * *

Entre amigos:
 — Não duvides, o feminismo vai de progresso em progresso!
 — Como assim?
 — Quando me casei, minha mulher e eu tinhamos a mesma idade. Agora, ela tem 36 anos e eu 42!...

* * *

O teu relógio está atrasado!
 — Acabo de acertá-lo pelo relógio da estação do Rossio!
 — Também eu!
 — Então, fôste antes de mim!...

* * *

O pai: — Sabes o que é um hipocrita?
 O filho: — Um menino que vai á escola, sorrindo!...

* * *

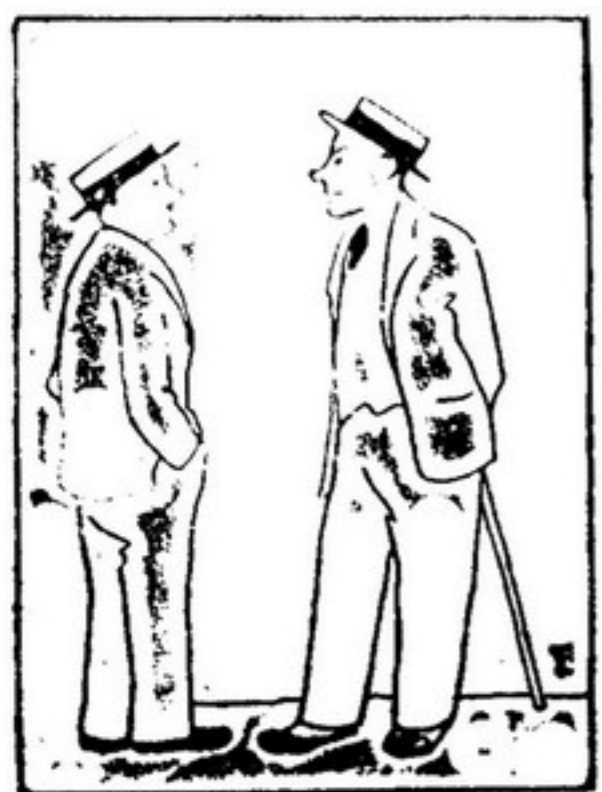
Na aldeia:
 O visitante: — O ar aqui é verdadeiramente bom!
 O camponio: — Assim julgo! Aqui, qualquer faz-se um centenário em pouco tempo!...

* * *

A saída do hotel:
 O criado: — Pode guardar a nota! É falsa!
 O viajante: — Mas você julga que eu lhe dava uma gorjeta tão avultada, se não soubesse que a nota era falsa?...

* * *

Entre funcionarios:
 — A minha demissão foi voluntaria!
 — Por parte de quem?...



— Acabo de encontrar uma pessoa parecidissima contigo!
 — Mas não lhe pagaste os 200 escudos que me deves!...



— Quere uma amendoazinha, Sr. Visconde?
 — Agradeço muito, mas... dá Deus lindas amendoas a quem já não tem dentes...

A ESPOSA MODELO

O Aparicio era o mais vulgar dos homens de hoje, sem ideais românticos nem políticos, e, como todos, tinha qualidades e defeitos. E ás colecionador de selos, de capicuas e de tampas de caixas de fosforos, sobrepunha esta grande qualidade: tinha o culto da verdade, seguindo e cumprindo fielmente a maxima de Platão: «Dize a verdade, ainda que te custe a vida». Para ele, uma pessoa que mentisse perdia toda a sua confiança e considerava-a o ser mais abjecto deste mundo.

Nesta qualidade é que consistia toda a sua felicidade conjugal. A sua esposa — mil vezes tinha ele constatado — não havia mentido uma vez sequer e era o que se chama escrava da sua palavra. Um desejo, um capicho que tivesse, confessava-o, tambem, lealmente, abertamente, sem rebuço nem hesitação. Por tudo isto, o Aparicio estava cada vez mais seguro da sua felicidade.

A Lóló tinha uns pujantes 28 annos e era esbelta, formosa e insinuante. Por sua vez, o feliz esposo andava perto dos 50 e, além de fundas rugas no rosto, tinha já muitos cabelos brancos. Outro que ele fosse, e vendo-se ao espelho, nunca estaria sossegado e poderia recear sentir qualquer coisa a mais na sua integridade fisica. Mas não era assim. A sua Lóló nunca faltava á verdade, além de que mais de uma vez lhe provara ser uma esposa modelo.

* * *

Um dia, o Aparicio, entre varia correspondencia, recebeu uma carta misteriosa que o deixou perplexo. Do seu laconismo ressaltava este período contundente:

«Se queres surpreender a tua fiel esposa nos braços do seu amante, não um velho como tu, mas um rapaz na força da vida, vai á Avenida da Republica, numero tal, ultimo andar, direito, aí por volta das dezessete horas. Vê-la-ds completamente nua, e...»

A moral obrigou Aparicio a levantar os olhos para não lér o

resto. Aquilo era espantoso. Pois era possível que sua esposa lhe mentisse todos os dias e a todas as horas, quando lhe jurava a sua fidelidade e procurava demonstrar ser uma esposa modelo?! Faltar assim á verdade, de que ele tinha um culto verdadeiramente religioso, era simplesmente infame.

Ele poderia desculpar a toda a gente todas as faltas, mas o que nunca podia perdoar era uma mentira, por mais inocente que fosse. Nesse dia saiu mais cedio da repartição e foi ao destino que a carta lhe indicava.

A porta da escada estava aberta. Subiu os degraus á pressa, quasi sem respirar. E no ultimo patamar parou ofegante. Olhou em volta, aproximou-se da porta e, entre cauteloso e excitado, espregueou pelo buraco da fechadura. Passeou a vista pelo aposento, onde o sol entrava a jorros, por uma claraboia. Era um pequeno *appartement*. A um lado, uma cadeira e uma secretária em mau estado, quadros a oleo e estudos pelo chão, e em frente um biombo de pano verde-escuro, tapando o fundo do aposento. O que estaria para além do misterioso movel? A principio, o Aparicio supôs que não estivesse lá ninguém. Mas depressa se convenceu de que não era assim. O sossêgo da casa era cortado, de quando em quando, por um ruido estranho, como que o gemer dum movel velho e cansado.

De subito, mãos misteriosas afastaram o biombo. E ele ponde, então, vêr a sua esbelta e formosa esposa completamente nua, estendida num *mapple*, e na sua frente, um cavalete de pintor. Este, de pé, com o pincel na mão, reproduzia na tela a maravilhosa formosura de Lóló.

Aparicio respirou fundo. Bem dizia ela. A sua Lóló nunca mentia. Era, com efeito, uma esposa modeló.

E o Aparicio continuou coleccionando selos, capicuas e tampas de caixas de fosforos, e, sobretudo, tendo o culto da Verdade — perdoadando todas as faltas deste mundo, menos a da mais inocente mentira.

BRAZ SERENO.

Três "espanholadas" americanas

Os franceses chamam-lhes historias de Marselha; nós chamamos-lhe «espanholadas»; mas o resultado é o mesmo. Ouvide agora, senhoras, estas historias de pasmarr—passadas na America.

Primeira historia, contada por Martin Henry:

«Foi no inverno de 1893, e ia eu de carro a Snowshoe, na Pensylvania. A lanterna ia acesa na parte deanteira do carro. O frio que fazia, meu velho, nem tu fazes uma ideia! Eu mesmo só dei pela intensidade do frio quando cheguei ao albergue do burgo. Peguei na lanterna, entrei, mas não tardei em notar que havia qualquer coisa de extraordinario na lanterna. Estremeci uma ou duas vezes, mas a chama não se mexeu. Aproximei-me do fogão e fizera-me notar a immobildade da chama. Procurei apagá-la. Impossível. O frio era tanto que a propria chama tinha congelado e estava transformada num bloco. Tive que a deixar amolecer durante mais de cinco minutos junto do fogão e só depois me foi possível apagá-la...»

Esta não é má. Mas vamos á segunda historia, que não é pior:

«Um fazendeiro de New-Jersey tinha uma vaca, que andava pastando mais o bezerro. A vaca tinha um chocalho ao pescoço. E, subitamente, o fazendeiro ouve o chocalho tocar com desespero. Afulto, corre a vêr de que se tratava. Tinha sido apenas isto: os mosquitos tinham comido a vaca e tocavam o chocalho para chamarem o bezerro—e o comeream tambem, está claro.»

Agora a terceira, que tambem tem a sua graça:

«O pastor Gamble da Georgia, teve um dia ocasião de assistir, na Virginia, a algumas proezas extraordinarias dos mosquitos. Uma grande quantidade destes insectos tinham penetrado no seu quarto; Gamble pegou na vela e um por um, foi-os queimando a todos. Faltava-lhe, porém, matar um, o maior de todos, que parecia ser o chefe do bando. Gamble conseguiu, contudo, levá-lo para um canto, onde o queimaria como queimara os outros. Que faz, porém, o mosquitão? Volta-se para traz e, com um assopro, zumba — apagou a vela!»

E digam lá depois disto, que são só os homens de Marselha ou os nossos amados irmãos da outra banda da fronteira que inventam patranhas dignas de renome universal!

MOI-MEME.



— Não sei que hei de pedir a D. Balboso, no dia do meu aniversário. Que sorte tem os amantes de agora... Ainda se não inventaram os automoveis.



— Cheguei com as calças rötas e agora tenho muitos milhões.
— E o que faz a tantos milhões de calças rötas?

Os três rotarios

O Rotary é, como os senhores sabem, uma sociedade internacional de gastrónomos, com esta particularidade singular: os socios, além de pensarem no que comem, reúnem-se a comer para pensar. E, entre dois pratos succulentos e apetitosos, as idéas surgem fulgurantes acerca dos destinos da humanidade — muito embora a humanidade, talvez pelo receio de ser comida, não se meta com os rotarios...

Faz-se, porém, bem espante no Rotary Club, o que não admira — dado que não há para inspirar uma pessoa como ter um bom almoço deante de si. E este artigo, que não é de propaganda da organização, visa apenas a divulgar uma aneddotica esportativa do facto.

No último almoço, a café, três rotarios começaram a debater um tema interessante: qual era a profissão mais antiga. Desistiram o tema um cirurgião, um architecto e um bolchevista. O cirurgião não tomou a palavra e o empresário não tomou a palavra e o cirurgião afirmou logo:

— A mais antiga profissão é a minha. Quando Deus extraiu uma costela a Adão para fazer a nossa mãe Eva, realizou a primeira intervenção cirurgica.

O architecto, que era muito mais tímido do que o sr. Adão Bermudes, interveio, porém:

— Não concordo. A mais antiga profissão é a minha! Antes disso, Deus, que foi o primeiro architecto, construiu o universo, extraindo-o do caos.

— Muito bem! — interveio o bolchevista. — E quem estabeleceu o caos? Não teria sido um dos meus mestres?

Dado que nos primeiros dias do universo ainda não era vereador o sr. Quirino da Fonseca, não custa, pois, a acreditar que o primeiro profissional foi um bolchevista — aquele que estabeleceu o caos...

ERRE.



— Valerá a pena arrombar esta vitrina para roubar aquelas pulseiras?
— Entra e pergunta o preço de... as...

O CONQUISTADOR DESAPONTADO Graça dos outros

O belo Daniel, com os seus sessenta anos, era ainda um conquistador de nomeada entre o sexo fragil. Na vizinhança, as mulheres honestas, quando o viam ao longe, fechavam a janela e metiam-se para dentro, como se fugissem dum fauno; os maridos, se encontravam Daniel farejando, de nariz no ar, logo entravam em casa iam a correr verificar se as janelas estavam bem fechadas e se as esposas se encontravam efectivamente no cumprimento do seu dever de esposas; só as semi-honestas, velhas e novas, babadas, encantadas, dominadas pelo prestigio sentimental do belo Daniel, com os seus bigodes brancos de major reformado, com o seu garbo ainda marcial, faziam votos em segredo por que ele as olhasse, as cortejasse e as desafiasse para uma entrevista nas sombras do jardim vizinho.

Com estas qualidades «donjuanescas», não se passava um dia que Daniel não fizesse a sua conquista. Avenida abaixo, Avenida acima, Daniel constituia o idolo das mulheres para cima de cinquenta anos e de todas as «sopetas» com menos de trinta.

Ora, uma vez aconteceu que Daniel subia a Avenida, ao lado duma mercearia bem posta, de carnes avuitadas e de olhos languidos, pintada e sorridente, quando se cruzou com um amigo que descia. De pretamente, o amigo piscou-lhe o olho, para acentuar que Daniel ia bem acompanhado, e para o felicitar pela bela conquista que tinha feito. Era, realmente, qualquer coisa digna de ser vista...

O piscar d'olho do amigo não lhe passou despercebido e Daniel

teve artes de levar os dedos ao lóbulo da orelha, para significar ao amigo:

— E' daqui!

E continuou a sua marcha, encantado, enquanto o amigo continuava o seu caminho, descendo a Avenida até ao Gelo, ponto onde ambos se encontravam regularmente para conversar.

Meia hora, porém, não era passada, quando Daniel entrava também no Gelo, com um ar sensaborão.

— Bela conquista, hein! — disse-lhe o amigo.

Daniel, porém, triste e mediatubundo, não dava tróco.

— O que é que tu tens, homem de Deus ou do diabo!

E foi então que Daniel, debruçando-se sobre o ouvido do amigo, não fôsse alguém ouvir, lhe contou a sua triste historia:

— Imagina tu que tudo ia muito bem... Eu tinha-a encontrado na paragem dos Restauradores. Tinha-me feito d'olho com ela, e daí a pouco, como tu viste, subiamos os dois a Avenida. Ela tem casa mobilada ali para o Conde de Redondo... Pois bem, chegámos ao quarto, festa para aqui, festa para ali, quando ela vai, finalmente, para tirar o chapéu... a cabeleira cal-lhe! Estás a ver como eu fiquei, hein! Fiquei de tal maneira desapontado que ela começou a rir, a rir nas minhas bochechas como uma doida... E tanto riu, tanta gargalhada deu — que a dentadura lhe caiu! Não quiz vê-la mais nada, e pela porta fora, desci a escada e quatro e quatro... e aqui me tens... Lérra!

MYSELF.



— Que pena a Semana Santa só ter 8 dias! Fica-me tão bem o preto.

O MANETA

No idealismo fecundo
Da mit'logia pagã,
Muito monstro nos encia
Como o colossal Titan,
O Cerbero furibundo
E a pérfida Sereia.

Mas a nova geração,
Não querendo desprezar
A bela ideia provecta,
Após muito cogitar,
Deu á luz um figurão:
O tenebroso Maneta.

Este grande corifeu,
De magico poderio,
Invencivel, assombroso,
Com variedade, com brio,
Tem orgulho no museu
Do seu Reino misterioso.

Nas horas bem pouco ternas
Desaparece a carteira,
Faz-nos um olho cõqueta
Uma explosão, inferneira,
Ficamos sem mãos, sem pernas,
Lá vai tudo p'r'ó Maneta!

Foge a mulher ao marido,
Os cabedais ao Edmundo,
Porque jogou na roleta,
Vai um cruzador ao fundo,
Um Lulú está perdido,
Lá vai tudo p'r'ó Maneta!

E a Flavia Bensaude,
Por ser doida co'o namoro,
Coitada... Ficou sem cheta...
Nada lhe v'isou o choro,
Beleza, graça, virtude,
Lá vai tudo p'r'ó Maneta!

BRAZ MENDES.

— Como te parecem aqueles dois gêmeos!

— Sobretudo, na idade!...

★ ★ ★

O marido: — Quando te vejo com esse chapéu não posso deixar de rir!

A mulher: — Ah, sim? Pois, quando vier a conta, hei de pô-lo de proposito, para ver se também tens vontade de rir...

★ ★ ★

Ela: — Porque não aproveitamos estas férias para nos casarmos?

Ele: — Não, filha! Seria estragá-las!

★ ★ ★

Na aula:
O professor: — Calças é singular ou plural?

O aluno: — Plural para baixo e singular para cima!

★ ★ ★

Entre amigas:
Maria: — O teu marido anda com fato novo?

Judite: — Não!
Marta: — Pois alguma coisa de novo lhe encontrou!

Judite: — E' que é outro marido!

★ ★ ★

Na aldeia:
O turista: — Ora, há alguma coisa de interessante para ver nesta terra?

O camponês: — Há... os turistastas!

★ ★ ★

Na rua:
— Quem é aquele homem tão grande que ali vai?

— E' o homem mais alto do mundo! Mas não digas nada, porque viaja incógnito!

★ ★ ★

No restaurant:
A freguesa: — Recordas-te de mim?

O criado: — Chat! Não fale tão alto... que minha mulher é muito ciumenta!



Como S. João de Deus, seu pai, este homem tem criado e educado, á sombra dos Ramos dos Jardins-Escolas, muitas centenas de crianças. O pai deu-lhes a «Cartilha Maternal», e ele é para elas uma especie de «ama seca»...

Cacharolete

Dizem os jornais franceses que a actriz Cecile Sorel, que os lisboetas conhecem, vai transmitir ao papel das 1.500 paginas do seu livro de Memórias os episodios curiosos e as engraçadas historias que têm acontecido na vida agitada e vã da que foi contemporânea do nosso velho Briand.

E alguns chamam-lhe «Resumo de toda a Historia da França», insinuando, d'est'arte, que Cecile era criança nos tempos de Carlos Magno e estava na adolescencia quando Bonaparte impôs ao mundo a sua paciencia.

Acho cruel a attitude dos confrades de Paris, pois é um lugar comum que em todo o mundo se diz que a idade na mulher não esquenta nem arrefece, pois a mulher só possui a idade que parece. E a admirada Cecile demonstra tal moçidade, que não me custa supô-la a par de tentar um frade...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Recostada em fôfa cama por tener corrente de ar, nessa manhã a madama é presa mandou chamar um sabido doutor de fama.

Com toda a sua experiencia e aspecto grave e tranquillo, o luminar da ciencia faz a pergunta do estilo: — «De que se queixa vocencia?»

— «De que me queixo?» — diz ella

— «Do figado, da moita, do baco, do coração, das tripas e da guela.»

Do lado esquerdo uma dôr que me tortura sem fim; não sei que no sim-senhor e uma avaria num rim... Que pensa disto, doutor?»

Num impulso de sabencia e numa grande attitude, diz o doutor: — «Sem ofensa, só quem tem muita saúde pode ter tanta doença...»

ANTONIO AMARGO.

O conflito sino-japonês é uma questão de familia.

(Das jornais).

«Gentil cheira a pensar — que coisas que a vida tem! — que as granadas a estalar são como beijos de mãe»

Todos pensam simplesmente na Paz — sagrado ideal! E juntam-se ambos os povos num abraço fraternal!

Uma das duas nações deve da outra ser prima... Porque lá diz o ditado: «Se é prima, mais se lhe arrimas...»

Mas a Paz do Oriente é coisa que se não logra! Aquilo lembra uma familia... onde existisse uma sogra!

PATO MARRECO.

Quereis dinheiro ?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



— Aquele é o Salomão Judeu que deu uma tarefa no Carlos.

— Deu não, vendeu! ...

O financeiro e a poetisa

Era uma vez um grande financeiro, que ia para Paris no *Sud-Express*. No mesmo compartimento, seguiam viagem, com identico destino, uma poetisa de renome, uma especie de condessa de Noailles nacional, e uma outra senhora, mais velha, mesmo muito mais velha, grande amadora de literatura, e junto de quem todas as poetisas tinham o mais quente acolhimento.

Era este financeiro um homem muito rico, um verdadeiro potentado dentro do país; não porque fosse industrial, mas porque era presidente do conselho de administração de meia dúzia de Bancos, e porque eram esses Bancos, todos eles importantes, que financiavam a maior parte das industrias portuguesas. Entre essas industrias, figurava a dos fosforos sem cabeça, e era por esta especialidade dos fosforos sem cabeça que o nome do grande financeiro se tornara conhecido e verdadeiramente popular. Todas as donas de casa, ricas ou pobres, preferiam os fosforos sem cabeça, e todas sabiam quem era o financeiro que sustentava a respectiva fabrica. Daí, o serem os fo-foros até conhecidos pelos «fosforos do Salvador», pois Salvador se chamava o grande financeiro.

Logo que Salvador entrou no compartimento que lhe estava destinado no *Sud*, a conversa estabeleceu-se entre os dois: a senhora de idade e o financeiro. Salvador, celibatario impenitente, com todo o sangue na guelra, conhecia todos os *cabarets* de Paris, onde passava meses seguidos, pois os seus negocios em Portugal estavam bem entregues a pessoas de sua inteira confiança; e nesses *cabarets* era frequente encontrar-se com a senhora de idade — D. Briolanja dos Anjos — que tambem se divertia o melhor que podia nos mesmos *cabarets*. A diferença era só esta: é que Salvador encontrava-a sempre com as mesmas amigas, ao passo que Briolanja encontrava Salvador sempre com amigas diferentes... Briolanja tinha-o, por isso, na conta dum homem voluvel, sempre a variar de paixão; e como ele era muito rico, Briolanja não estranhava que ele conseguisse conquistar os mais dificeis corações...

A paginas tantas da conversa, reparou D. Briolanja em que não tinha apresentado a sua amiga poetisa ao seu amigo financeiro. E reparou nesse descuido, porque Salvador não tirava os olhos da poetisa, mirando-a de alto a baixo, vendo-a por todos os prismas, se bem que discretamente. Sem

saber de quem se tratava, Salvador pensava já, no entanto, que teria ali uma nova conquista, e preparava-se para por em acção todos os seus recursos de D. Juan. E D. Briolanja dos Anjos fez então as necessarias apresentações.

Ao ouvir o nome da poetisa, Salvador ficou encantado. Era um nome que ele conhecia tão bem! Um nome celebre, o de Gigi Santana, ainda fresca nos seus quarenta anos, divorciada dum autor dramático muito conhecido tambem, e já por varias vezes indigitada para a Academia. Uma grande beleza fisica, um grande prestigio intelectual e sobretudo, uma enorme eronica nos annos mundanos e teatraes. Salvador estava no seu elemento e, para coquear por uma amabilidade, declarou logo:

— Ah, conheço muito bem o nome de v. ex.! Uma gloria nacional! Tenho ouvido falar a proposito do Premio Nobel de literatura!

E depois, querendo ainda ser mais amavel:

— E' verdade. Tambem já li uma versalhada qualquer sua, aqui ha anos! Muito bom.

Este termo de «versalhada», applicado a um livro de versos que se chamava *Lampadario de cristal*, fez arripios de frio na sensibilidade da poetisa, enquanto D. Briolanja se arrependia, intimamente, de ter feito tal apresentação. E como amor com amor se paga, Gigi Santana não quiz demorar a sua resposta:

— E' curioso, que eu tambem conhecia já muito bem o nome de v. ex.!... — disse-lhe ella, na sua voz meliflua. — Mas conhecia-o atravez da minha cosinheira...

Salvador não compreendeu logo onde Gigi queria chegar, e perguntou com ingenuidade:

— Atravez da sua cosinheira?! Donde diabo é que a sua cosinheira me conhece?

Com um sorriso de orgulho e de desdem, orgulho da sua pessoa, desdem pela pessoa de Salvador, Gigi explicou então:

— E' que a minha cosinheira, quando vem das compras, diz-me sempre: «Minha senhora, comprei fosforos do Salvador, que são mais baratos meio tostão do que os da concorrência...»

Salvador, porém, que tinha sempre uma resposta pronta, não se desmanchou:

— Pois, minha senhora — disse ele — é para lamentar deveras que v. ex. me conheça apenas por uma diferença de meio tostão... *Tableau.*

MISTER JOHN.

1 de Abril

O dia das Verdades alegres

Poisson d'Avril é peixe gaúdo que passou á historia. A mentira tambem está em crise. O dia 1 de Abril passa a ser considerado, de facto, o grande dia das Verdades Alegres.

A partir de amanhã — não é péta — qualquer lar, por mais bocas que tenha, pode gastar nas compras da Praça da Figueira entre cinco e dez escudos diários.

Todo o alfacinha, pois, vai largar a zela na barriga. Um quilo de vaca para um bom pedaço de assado custa, sem selos, um escudo e oito tostões. E', como se vê, uma migalha. Uma couves, umas ervilhas, fruta, um frango, uma galinhita, tudo se pode mercadejar por sete escudos e um milavo. Só quem não alargou a bolsa, não come.

As batatas, pão, feijões, os ovos, vendem-se quasi dados. Um conto de ovos — não é conto — alcança-se, passe o termo ladravaz, por um escudo. O leite, então, é um delite: vende-se a quarenta centavos o litro.

Os pesos e medidas já não são para vista. Vai uma pessoa a um talho comprar meio quilo de febra de vitela e aparece no bomo com um quilo e três quartas...

Por cinquenta centavos, qualquer cidadão pode levar um bom chouriço sem levar graxa...

Vamos agora ás mercadorias. Vende-se toda o genero — e é humilde — mais barato que no tempo das vacas gordas. Paga-se cevada e toma-se café. Em lugar do cêbo, o marreco dá em troca ao frequentador para manteles ou banha; as tristes folhas de malva por chá; pimenta, canela, açúcar e cravo cabecinha, tudo por seis tostões...

Os pobres podem, nesta altura, mercê do bom-senso das Associações dos Lojistas e dos Vendedores de Viveres a Retalho, viver como Deus no céu.

Os alcoolicos, coitados, até, em vez de qualquer veneno ou mexerufada, bebem o puro sumo da uva a dez centavos o litro.

E o azeite — o azeite, que anda sempre ao de cima da agua, simbolo do dia 1 de Abril — será dado a qualquer pessoa, a troco duma senha de assistência na Praça da Figueira.

Claro está que os alfaiates, as modistas e os sapateiros, seguindo o exemplo dos vendedores de generos de primeira necessidade, já não nos levam coiro e cabelo. O luxo por um centavo de mel coado.

Ah! Aqui é que bate o ponto. Ó Zé! ó Zé! ó Zé!...

Os cangalheiros, na ultima assembleia geral da sua associação, resolveram, por unanimidade, aumentar os preços dos enterros. Como se tem verificado que a validade de morrer é muita, os preços serão os seguintes, tambem, a partir de amanhã:

3.ª classe...	1.500\$00
2.ª " " " " " " " "	3.000\$00
1.ª " " (três parcelas) ...	5.000\$00
1.ª classe (auto-funeario) ...	3.010\$00

E de tal sorte, ou azar, estão os serviços montados, que não é qualquer menino e moço ou menina e moça, velhos ou velhas, que tentarão uma viagem para o outro mundo a gosar de farronca, luxo e impostura.

Ai! valentes gatos-pingados! Que a cal e a terra um dia lhes seja leve, são os melhores e sinceros desejos do

IVINHO.

Sortes grandes ?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Prosa de Cha-Velho

Como nos anos anteriores, cá estamos sempre fixos para dar aos leitores do *Sempre Fixe* as impressões humorísticas das touradas que no papá *Diário de Lisboa* descrevemos em de outro, ainda que também em tom amável, porque tristezas não pagam dívidas e isto de touradas não é assunto que se leve a sério e muito menos com ares de crítico.

A uma crítica severa — uma tal que cantava o fado e gostava de toureiros — não ha tourada que resista, e sem indolência e bom-humor acabava-se de vez com quasi todos os touros actuaes, com os touros e com as touradas, que é espectáculo popular e simpatico.

É certo que apparecem alguns severos «abandonados pedineis» severidade para os toureiros e a proposita da ultima tourada, um heuve que se levava contra a simpatia que nos merece mestre Luciano Mendes, sem comprehender que no mais antigo mestra-sei do toureiro não se deve bater nem com uma fôrca que de usa na botocara.

De Luciano Mendes eu vivo o: «O publico mete-se com o toureiro não sabemos porque. Perceberam a nossa intenção? Pois se perceberam, façam de conta que não perceberam. Perceberam? — como diz o Carlos Alves, no *Mezallão*».

O caso é que mestre Ricardo Mendes — outro mestre — deu alguma coisa ao seu colega Soares, imitando como um Castelo, e pena que os touros oscilassem em e e o marmelão e o inocente de mais, uma pecegada que não permitiu bons frutos. Nem o Amor, que também é um pécego, conseguiu tirar partido dos dois pécegos que lhe soltaram. E com tudo isto, os leitores dirão se um pobre pécego careca pode fazer critica severa — com licença do Leitão de Barros...

PEREZ LA CHAISE.

DESSPORTOS

Fausto, o brasileiro, e os seus companheiros espanhois

Desde o guarda-réde *Jacaré*, mais conhecido pelo *Jaguaré*, até ao extremo-esquerdo *Sagi*, que pela sua nulla barba é alcunhado de *Sagibarba*, tem que se reconhecer que o *Barcelona* dolou figura e fez furor em Lisboa. Oia!

O jornal *Ahora* refere-se aos jogos do *Barcelona* com um titulo suggestivo — «A equipe de exportação do *Barcelona* venceu o *F. C. Porto*».

Segundo *Ahora*, más-linguas, o *foot-ball* português não vale um cacetel, e chega um grupo de exportação para nos ensinar. Esta delicia da espanhois promove-se sinceramente.

E por isto, os portugueses desfazem-se em saudades para os estrangeiros que visitam Portugal. Os estrangeiros, bem conhecidos e bem conhecidos, e cada dado não se dá a mão, abandonam a barra e punco se esquecem de dizer cobras e lacartos dum país que cometeu o crime de bem os acoblar.

Com esta sina não pode deixar de ser tratado pelos portugueses. Nesta viagem do *Barcelona*, pelos vistos, não se fez a regra. Ha que aumentar a cara alvora, que o mundo não val para tristezas...

Dentre todos os jogadores, um heuve que se distinguia pelo seu jogo e pela sua correção, sobretudo no encontro com o *Porto*. Esse heuve foi o médio-centro Fausto, brasileiro de nascimento.

O *Diário de Lisboa*, na chronica do jogo, teve para o heuve Fausto as seguintes palavras: — «O heuve Fausto tem sido recompellido por jogos duros, ou ditado a uma via de gal».

Os leitores querem saber o que aconteceu?

O heuve Fausto, em questão, jogador fervoroso e tímido, ingenuo e acerbado, bondoso e culto, ficou zangadissimo — deu por suas e por suas — por esse jornal o ter tratado por negro e por duro.

Parece que Fausto pretendia que lhe chamassem branco, alvo co-

mo a neve e delicado como o lirio...

O epíteto de duro foi, ainda, a palavra que mais magou e afectou o timpano do delicado Fausto.

O negrito ofendeu-se todo quando leu a referida chronica e bramou:

— «Eu, bruto? Eu, duro? Qui cá-lúnia... Si eu estou convencido qui sou um santinho...»

Pobre pequeno! — dizemos nós. E que pena temos dele!

O gesto que mais sensibilizou o publico, nos dois jogos, foi o abraço trocado entre o jogador Anibal José, delicia e componente do verdadeiro, e o famoso Fausto, anticamente negro na Brazil e agora branco em Espanha.

Fausto e o seu jogo foram muito discutidos e commentados nestes ultimos dias.

O negro Anibal José, epíteto de heuve-branco, chegou mesmo a afirmar que Fausto não valia nada, como jogador.

E esta opinião sugere-nos um commentario. Se o *Barcelona*, mesmo não jogando, Fausto, venceu o *Benfica* por 5-2, o que aconteceu com o Fausto e o seu jogo pouco mais?

O Antonio Soares, então, apellidado de Honorio. E o certo é que, a noite, o Fausto não era tratado de outra maneira.

O *Porto*, o *Benfica*, o *Sequeira*, uma brilhante de jornalista, todos estes tratavam o Fausto por Honorio.

Então, tudo isto seria muito engraçado se o *Barcelona* de exportação não nos tivesse brindado com duas cartas de postas, somando 7 acerto a favor contra 3, o que dá mais de cem por cento a seu favor.

Para não fugir á regra, os arbitros não se esquivaram aos mimos da praxe. Resumindo, esta jornada do *Barcelona* de exportação não deixou de ser uma esplendida importação para o *Benfica*.

TAVARITOS.

A retalho

A «Havara» enviou ha dias aos jornais o seguinte curioso telegrama:

«LONDRES, 16. — O ministro do Japão na China entregou, em Xangai, ao ministro inglês Lampson, uma comunicação segundo a qual as autoridades japonesas estavam na disposição de entrar em negociações com as chinasas!»

Passagem de uma missiva de amor de um joven brasileiro a uma elegante da Costa do Sol:

«Você, meu bem, acendea, dentro dos meus olhos, uma manha de felicidade. Na pureza dos seus labios amanheceu um dia de festa. Você descansou seus olhos humedecidos na tristeza acobrunhada de meu rosto de malato. Você me disse uma palavra de conforto. Você, em surdina, na sua bojo, me deu uma promessa de amor. Você não sabe que meu abatimento, de solidão e desolado, soluçou num gesto de piedade. Uma lagrima aqueceu na superficie azulada dos meus olhos. Mas você, meu bem, vai voltar? Desfaça este meu recado, imediatamente, meu bem!»

Um espanhol, recém-hegado a Lisboa, entra numa casa de moda, na rua Augusta, e diz para o caixeiro:

— *Tiene usted manguitos?*
No estabelecimento encontravam-se bastantes senhoras, as quais, ao ouvirem a palavra *manguitos*, mediram de alto a baixo, arrogantes, *nuestro hermano*.

O caixeiro, um pouco apalermado:

— Não percebo o que diz...
O espanhol olha para uma das montras e diz:

— *Mire usted, allí está lo que quiero.*

— Ah! — exclama o caixeiro. — É um regalo que v. ex.ª pretende, não é verdade?

— *Eso, eso. Tal cual. Un regalo de Portugal para mi novia, y como el tiempo lo permite, le voy a regalar un manguito para que caliente sus manos.*

Manguito, em espanhol, quer dizer, em português, regalo. Regalo, em espanhol, quer dizer oferta, lembranca.

— Quantas são as pessoas da Santissima Trindade, meu menino?

— São quinze!
— Quinze?! Então não são três?
— Isso era antes da guerra; mas como tudo aumentou...

Catalão! lão! lão! lão!

a separação do povo.

E nos que andamos ás terras porque as pinhas bem casmurras Os catalães que vieram jogar até Portugal com certeza que fizeram a nós muitissimo mal.

Se eles são separatistas, se *Barcelona* quer ser capital dum país novo, certo que os footballistas virão até cá fazer cá dos nossos directores andam a pedir tapona, á vista do *Barcelona*, o que será, meus senhores?

Então, a separação, ou por outra, a bananada aumenta a perder de vista. Porque o team catalão trouxe até cá, á gajada, a fôca separatista.

ZÉ MARIA.

Um bom aviso

Ao que se diz, em cada um dos quartos dum hotel de Dalton-City, nos Estados Unidos, pode ler-se este aviso:

«O proprietario declara aos senhores hospedes que não toma a responsabilidade quanto á sua segurança pessoal, existencia ou valores».

«Cede-se aos hospedes para tomarem todas as precauções sempre que entendam necessaria a troca de liros na sala de jantar, porque uma bala perdida pode atingir inutilmente qualquer coisa ou pessoa alheia á discussão. Serão pessoalmente responsaveis pelos moveis, espelhos, louças, etc., partidos durante as discussões. As despesas de funerais pagam-se á parte e são igualmente pessoais».

Os senhores hospedes poderão, sempre que quizeram, fazer um seguro de vida, valido durante a hospedagem nesta casa.

A administração não tem nada com as reclamações relativas ao serviço, porque os nossos criados, andando todos armados, é com eles que, directamente, se deverão entender.

«O nosso hotel é uma casa de primeira ordem, reservada á clientela elegante, pelo que pedimos aos senhores hospedes que se conduzam como verdadeiros gentlemen».

PIEDADE

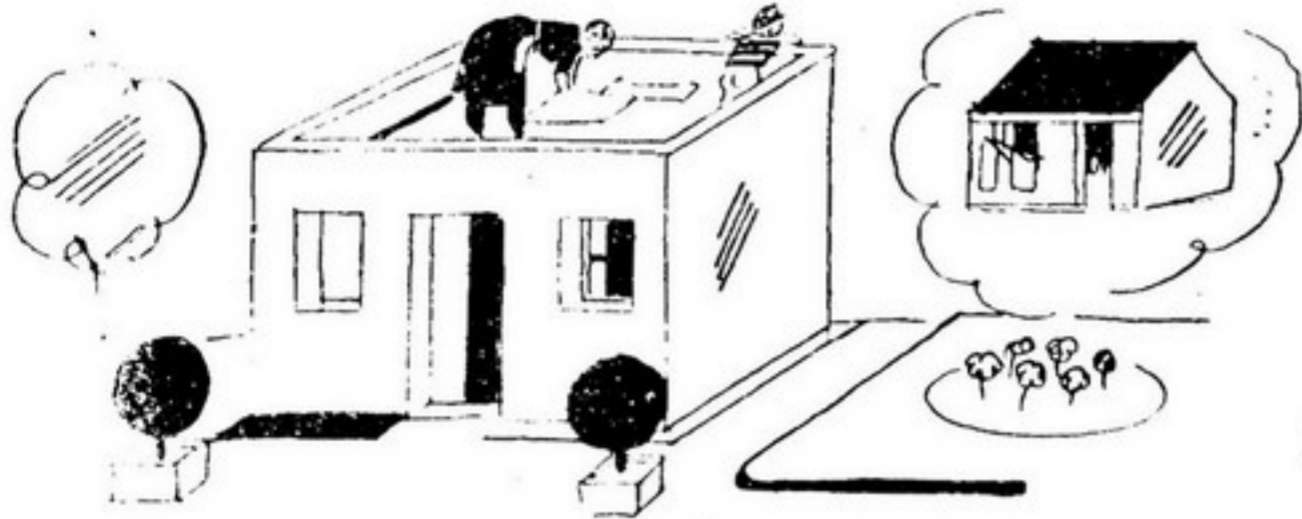


Nem o *Barcelona* teve piedade do *Benfica* nem o *Benfica* do *Piedade*.

ECOS DA SEMANA

NÃO SERIA ALTURA DA CAMARA FAZER CASAS MODERNAS EM VEZ DE CASAS DE CÃO? PARA QUE SERVEMOS TELHADOS?

A 3 DIAS DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E ONDE ESTA A PROPAGANDA?



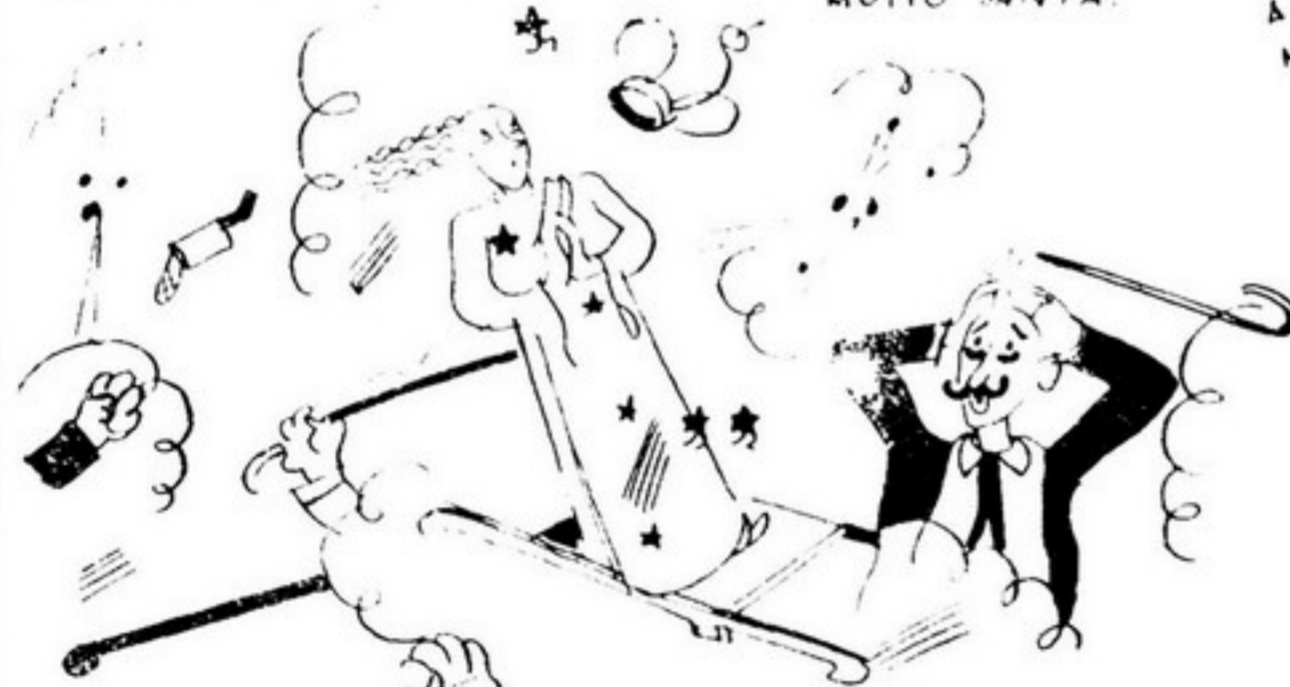
SC. FAZENDO DAS TRIPAS CORAÇÃO OS ALEMAES PRESTARAM HOMENAGEM A UM HOMEM QUE TINHA AZAR AO MILITARISMO

JÁ HA MUITO MAIS TEMPO DO QUE EM LISBOA SETEM FEITO NA PROVINCIA VARIOS KILOMETROS DE ARRANQUE...



NÃO SE PODE DIZER QUE EM SPANHA A SEMANA FOSSE MUITO SANTA.

A MADEIRA NÃO DEVE DÁR OUVIDOS AO MAL QUE OS INGLÊSES DIZEM DELA MAS CONTUDO DEU OUVIDOS A JELICOE



VISÃO DUM DE TALHE DE OURIQUE VISTO PELO NOSSO CORREIO FONDATE NA LUA.

DUAS GRANDES VERDADES NO DIA DAS MENTIRAS

(SEGUNDO A VELOCIDADE DA LUZ DE 300 000M. POR SEGUNDO

1º A REPRESENTAÇÃO EM S LUZ DA CADEIRA DA MENTIRA CUJO FUNDO É A FAVOR DA CASA DOS JORNALISTAS



2º PARECENAL DIZE-LO MAS O BOTELHO CAI NA PATÉTICE DE INAUGURAR UMA EXPOSIÇÃO NO SALÃO BOBONE